

A HUMANIDADE DO KIBUTZ: UMA ANÁLISE DO LIVRO *ENTRE AMIGOS*

KIBUTZ HUMANITY: AN ANALYSIS OF THE BOOK *BETWEEN FRIENDS*

Samuel Ângelus Henrique Farias¹

Amós Oz
Entre amigos
São Paulo: Companhia das Letras, 2014
136 páginas

O livro *Entre amigos*, de Amós Oz (2014), conta a história de um microcosmo de poder e relações situado em Israel. A partir de uma narrativa polifônica, ou seja, com foco narrativo em vários personagens, transitando entre os gêneros romance e conto, Amós Oz destaca o impacto das ações de cada cidadão do kibutz Ikhat e seu reflexo na dinâmica do enredo, podendo ser caracterizado como um verdadeiro romance analítico. Nesse sentido, é possível bifurcar a análise da obra em dois planos principais: o primeiro, pautado no funcionamento das comunidades kibutzim, e o segundo, baseado no funcionamento das relações humanas, inerentes e perenes em toda sociedade. Para tanto, o narrador, em determinado momento da trama, destaca que “o kibutz, pensou, muda um pouco as disposições da sociedade, mas a natureza humana não se modifica e, essa natureza não é fácil” (Oz, 2014: p. 98).

É de suma importância contextualizar a função do kibutz para o povo israelense, que, inspirado pelo movimento sionista e socialista, se estabeleceu nessas comunidades agrícolas localizadas na região da Palestina. A princípio, o kibutz era uma propriedade comunal, com meios de produção coletivos. As tomadas de decisões eram feitas por meio de assembleias gerais, e a responsabilidade por elas era de todos os habitantes do kibutz. Não havia nenhum tipo de bem particular, e a comunidade deveria oferecer os recursos para suprir as necessidades de seus integrantes e famílias. Em troca de trabalhos específicos, todos recebiam moradia, educação, alimentos, roupas, móveis, serviços sociais e de saúde (Conib, 2022). É esse contexto comunitário que permeia as relações interpessoais da obra *Entre amigos* (Oz, 2014), que aborda questões políticas e filosóficas, assim como

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do grupo de pesquisa Mídia e Opinião Pública nas Relações Internacionais (Mopri), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisador bolsista do projeto “Política externa brasileira no editorial dos três maiores jornais nacionais do Brasil (Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo) no século XXI”. Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6381740890630737>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3382-659X>. E-mail: samuelangelus16@gmail.com.

■ resenha de livro

educacionais e produtivas. Ao passo que apresenta a construção identitária do estado de Israel após o holocausto e o conflito contra os árabes palestinos, a narrativa pontua, de modo delicado e sutil, os intercursos dos judeus e suas especificidades, mostrando a humanidade e o sentimentalismo inerente a qualquer indivíduo.

A narrativa expressa traições, raiva, fofocas, humores, personalidades excêntricas, em suma, atributos de uma sociedade que muitas vezes passam despercebidos quando lançamos nosso olhar sobre o mundo. Contudo, ao visualizar um microcosmo de poder e interações, é possível perceber as vicissitudes de uma sociedade por meio de um recorte menor, ou seja, partindo do indivíduo, de suas relações e vivências. Dessa forma, podemos dizer que o protagonista é o próprio kibutz Ikhat e seus diversos planos principais, como os núcleos educacional, familiar, do trabalho e político. O narrador onipresente, às vezes, apresenta-se como parte da comunidade; às vezes, adentra a psiquê dos personagens; e, às vezes, como um observador externo ao kibutz, propõe o tom necessário aos arcos de cada protagonista e descreve com perfeição o cenário, as feições, as mazelas e as bonanças que cada um vive.

Outrossim, as oito perspectivas apresentadas sobre a vivência comunitária alojam características fundamentais para entender os costumes e a cultura das origens do estado de Israel. Os princípios e as ideologias, carimbados pela autoridade coletiva, são, certamente, os achados mais interessantes do enredo para reverter questões e resolver problemas interpostos ao longo dos arcos. É possível identificar com clareza a ideia da paz cotidiana remetente às práticas do dia a dia, a qual desejava evitar o escalonamento de tensões cotidianas. Ali mesmo, no local, na comunidade, baseada em princípios fundantes, projeta-se a construção da paz no sentido do estado de Israel, entendida como a consolidação de uma nação, de um território e de uma comunidade pertencentes a um país. O bem comum está hierarquicamente acima do bem individual, assim como o trabalho gira em torno das necessidades comunitárias. Isso é visto, por exemplo, nas decisões que foram tomadas na assembleia geral do kibutz em relação aos estudos do jovem Iotam Kalish, que pretendia viajar para Itália, evadindo-se da comunidade com a justificativa de estudar engenharia mecânica antes do tempo cabido pelo próprio conselho. Há também o conflito entre o professor David Dagan e seu aluno Moshe Iashar, que desejava ver o pai internado em um hospital fora do kibutz, mas deveria assistir à aula e trabalhar, tendo que se preocupar com os horários e os compromissos comunitários para o bom funcionamento do local.

Os princípios de Eretz Israel, termo utilizado pelos judeus em referência à Palestina antes do estabelecimento do estado de Israel, eram pautados pela redenção da terra e pela invocação de aspirações nacionais e sociais a partir da valorização do trabalho e da construção do país. Para isso, tais arcos expressam o conflito entre o coletivo e o individual, além das disputas entre os conservadores e progressistas. Estes primeiros, também chamados de “pioneiros”, são aqueles que intencionavam construir o kibutz com a finalidade de

■ resenha de livro

prepará-lo para o vindouro estado de Israel, sendo, conseqüentemente, mais conservadores; os progressistas, por sua vez, são os filhos dos pioneiros ou imigrantes de países mais progressistas. Haja vista a estrutura hierárquica kibutziana, as mulheres fazem serviços de limpeza, de cuidado das crianças nas escolas ou atuam como professoras e cozinheiras, enquanto os homens são designados a trabalhos ditos pesados, como a sapataria, a agricultura, as burocracias etc.

Esse conflito entre conservadores e progressistas também é apresentado na narrativa a partir de situações que expressam questões humanas universais, tais como o romance do professor com sua aluna, a luta pelo direito das crianças mais novas, que estudam nos institutos educacionais, dormirem com os pais em vez de dormir nos próprios institutos, a reivindicação das mulheres que, com a apicultura, geraram a produção mais bem-sucedida da comunidade. Tudo isso para dizer que, embora seja uma ficção, a história além do acadêmico pode suscitar questões interessantíssimas dentro do debate internacional, as quais, muitas vezes, passam despercebidas nos campos das teorias mainstream.

Nesse sentido, pontuamos questões relevantes que se refletem nas relações internacionais, como por exemplo, a construção da paz local, a desigualdade de gênero, a formação de uma nação, os meios de produção coletivos e, por fim, questões que chamam a atenção e se associam ao debate sobre liberdade, presente na academia.

A obra *Entre amigos* lança luz sobre a liberdade de cada indivíduo a partir da apresentação de questões educacionais no Seminário dos Kibutzim, instituição comum a todo o movimento kibutziano para o estudo e aperfeiçoamento teórico e prático dos aspectos conceituais e das diferentes atividades, profissões e trabalhos realizados no kibutz. Dessa forma, na educação infantil, as crianças dormem nos institutos educacionais, dispendo de um receituário para crescer nesse ambiente. Já as escolas de ensino médio funcionam em regime de internato, e, após esse período educacional, os estudantes egressos são obrigados a servirem no exército. A posteriori, eles devem retornar ao kibutz e trabalhar em um setor designado pelo conselho para, posteriormente, serem enviados – ou não – para uma universidade e um curso escolhido pela assembleia geral. Esse processo reforça alguns conflitos e embates que são colocados ao longo da obra e nos arcos dos personagens a respeito das disposições sociais, sobre as quais o último capítulo ressalta que “não se pode abolir de uma vez por todas a reles inveja e a mesquinhez numa votação em instituições do kibutz” (Oz, 2014: p. 98). Assim, qual o limite da liberdade individual em prol do bem comum ou do bem viver e como sujeitar as decisões pessoais a um coletivo capaz de ter interesses e sentimentos tendenciosos e corrompidos? Essa situação não é exclusiva da coletividade kibutziana, e podemos fazer paralelos com as instituições democráticas, os regimes e os organismos internacionais.

Por fim, o último capítulo do livro, “Esperanto”, aborda questões filosóficas e internacionais sobre o internacionalismo e o protecionismo no contexto do Oriente Médio, envolto pela carência de recursos internos e espaço político para a negociação de compromissos

■ resenha de livro

entre os grandes países globalizadores e os atores locais, sejam islâmicos ou nacionalistas (Henry, 2009). Em um ambiente de intensa coletividade, onde são debatidos o sentido de nação e a construção de identidade, aparece um sujeito chamado Martin Vanderberg, que é professor de esperanto e tem ideias de um mundo sem fronteiras. Esse último arco do livro é pautado por grandes questões humanas universais, como os vícios e as doenças, que dão um desfecho a obra caracterizando a morte como anarquista. Ou seja, ocorre no final do livro a subversão dos conceitos fundados nos princípios de socialismo e sionismo do kibutz Ikhat, que, ao se deparar com a morte, despe-se de sentido. Como Martin aponta: “a morte não tinha nenhum respeito por posição social, bens, autoridade ou título, para ela todos somos iguais em tudo” (Oz, 2014: p 107).

Em suma, *Entre amigos* descreve com perfeição o paralelo entre o funcionamento comunitário e cotidiano de um kibutz, revelando no seu dia a dia as piadas, as doenças, os romances, as famílias, os sentimentos de solidão, raiva, alegria, medo, os jogos de poder, as hierarquias e a funcionalidade política, assim como lança luz sobre questões que tocam a liberdade, a filosofia do estado de natureza, o ordenamento político, a fundação de um país, o conflito entre Israel e Palestina, as ideologias norteadoras, entre tantos outros aspectos relevantes, estudados e revisados, sobre a política, a economia e a sociedade do Oriente Médio. Esse microcosmo de poder apresentado no livro se expande para várias outras circunstâncias, tanto àquelas vivenciadas na simplicidade cotidiana quanto as relatadas nos mais complexos livros de relações internacionais. O conflito entre conservadores e progressistas, homens e mulheres, coletivo e individual, eu e nós, internacionalismo e protecionismo são debates constantes que influem em como enxergamos o mundo e lemos o livro. Suponho que essa obra seja diferente para cada um que venha a lê-la porque ela altera os valores de acordo com a vivência e o conhecimento de questões referentes às relações interpessoais e internacionais reveladas nos arcos dos personagens.

Bibliografia

OZ, Amós. *Entre amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CONIB. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/kibutz/>. Acesso em: 6 jun. 2022.

HENRY, Clement “The Clash of Globalization in the Middle East”. In FAWCETT, Louise (ed.). *International Relations of the Middle East*. Oxford: Oxford University Press, 2009, pp. 105-128.